

# A Deus e ao Diabo também

ELA então me contou seus pecados; primeiro, o primeiro, quando ainda era mocinha; depois o mais feio, que foi uma coisa que ela não queria, foi resistindo, mas você compreende, chegou a um ponto em que não dava mais jeito. O pior é que nessa ocasião tinha um rapaz de quem ela gostava muito e queria ser fiel a êle; "foi sujeira", confessa, "foi sujeira minha"; mas a verdade é que a coisa veio devagar, foi aceitando presentes, depois não sabia se não seria mais vigarista negar-se ou dar-se; aliás tinha uma simpatia sincera pelo sujeito; mas gostar mesmo era do outro. E contou mais algumas coisas. Disse uma palavra feia a respeito de si mesma e pediu minha opinião :

— Não é verdade? — me olhando nos olhos.

Calei-me; ela insistiu, eu fiz uma evasiva meiga :

— Você é um amor.

Então, meu Deus ela se pôs filosófica. Esticou o longo corpo no sofá, sustentou a cabeça nas mãos:

— Esta vida...

E disse coisas; mas sempre queria saber minha opinião. Que eu era um homem vivido, eu sabia as coisas, era um escritor. Ponderei que essas coisas quem sabe melhor é padre; de preferência padre velho, que já ouviu muita história, sabe dar conselho. Disse que não; que padre, ela já sabe o que padre vai dizer, de maneira que não adianta; "não gosto de padres".

• — Mas você não é católica?

Era, mas não gostava de padres. Isto é, conheceu um padre que era formidável, aliás era um trade. "Qual é a diferença?" Dei uma resposta vaga, ela fez "ahn..." e virou-se, ergueu uma longa perna no ar, em um movimento perfeito: "Preciso

voltar a fazer ballet, eu ando muito preguiçosa".

Depois, com o olho triste, confessou que às vezes danava a pensar no futuro, tinha medo. Notei :

— "Pensava no futuro e tinha medo". Isto é um verso de Augusto dos Anjos, você disse quase igual.

Ficou encantada em ter dito uma coisa parecida com o verso de um poeta; pensei em dizer que ela fazia poesia como *monsieur Jourdan* fazia prosa, mas a citação era muito trivial e, no caso, daria muito trabalho explicar. Agora ela estava deitada com as mãos atrás da cabeça (os seios quase sumiam) e erguendo as pernas fazia flexões de joelho, perfeitas.

— Quanto livro você tem aí! Eu sou tão ignorante! Precisava ler muitos livros.

Ergueu-se, tirou um livro da estante. Era "Soviet Economic Aid", de Berliner. Pegou outro, era "O Fantasma da Inflação", de Humberto Bastos. Olhou as capas, comentou apenas :

— Eu sou burra...

— Por que você usa êsse penteado assim?

Então ela confessou que tinha a testa muito feia. Aliás achava que tinha muitas coisas feias.

— Eu sou cheia de complexos.

Eu disse com severidade :

— Você devia tôda manhã agradecer a Deus, ajoelhada, tudo o que Ele lhe deu.

Ela riu, ensaiou uns passos de ballet, elevou no ar um pé nu :

— A Deus ou ao Diabo?

— Ao Diabo também.

Sem interromper o exercício, ela me olhou de lado :

— Você é gozado.